

## **A música popular no rádio e na indústria fonográfica: circulação e recepção em regiões de imigração alemã durante o primeiro governo Vargas**

Alessander Kerber<sup>1</sup>

No presente trabalho, apresento andamentos de minha pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mais especificamente, pretendo estabelecer uma interlocução entre a historiografia que aborda a nacionalização de descendentes de imigrantes no Brasil durante o Estado Novo com a que aborda a canção popular no rádio e indústria fonográfica do Brasil da época, articulando as possibilidades de usos da memória através de entrevistas de história oral em um estudo sobre circulação e recepção da música popular no período de 1930 a 1945.

Especificamente, abordo as possibilidades de análise da circulação e recepção da música popular produzida no Brasil durante o Estado Novo em regiões marcadas imigração alemã. Para tanto, focalizo duas das principais regiões de imigração alemã no Brasil: os vales do Sinos e do Taquari, ambos no Rio Grande do Sul. A escolha destas duas regiões teve, como base, a perspectiva da comparação entre uma região próxima a Porto Alegre e com as maiores cidades que foram representadas como vinculadas a uma origem alemã – São Leopoldo (que, até os dias atuais, afirma-se como o berço da imigração alemã) e Novo Hamburgo – e, outra, com um distanciamento maior da capital e menor população, mas também com cidades cuja representação remete a uma origem alemã – Estrela e Lageado.

Pretendo, também, analisar as potencialidades do uso da história oral para a construção de fontes que possibilitem a análise da circulação e da recepção da música popular no contexto do Estado Novo. Apresento, por fim, alguns resultados parciais desta pesquisa, referindo entrevistas de história oral realizadas com pessoas que moraram nas regiões enfocadas e que tinham na época no mínimo 10 anos de idade. Utilizamos, também, como fontes, jornais publicados nas regiões (“O 5 de Abril”, em Novo Hamburgo, e “O Paladino”, em Estrela) além de fontes oficiais em posse das prefeituras das regiões e de gravações das canções populares referidas pelos

---

<sup>1</sup> Doutor em História e Professor Adjunto do Departamento de História e do PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

entrevistados e das que, de forma geral, fizeram maior sucesso no Brasil da época.

Meu projeto em andamento possui vários enfoques e aborda, de forma geral, as relações do nacional com o regional e com o étnico na música popular veiculada no rádio e na indústria fonográfica do Brasil do primeiro governo Vargas. Tenho observado as complexas relações entre o nacional, o regional e o étnico desde minha tese de doutorado. Ao focar as músicas e imagem de Carlos Gardel e de Carmen Miranda no período do Entre Guerras, observei que ambos os artistas tinham um projeto de representar as identidades nacionais argentina e brasileira. Nesse projeto, dialogavam com diversos artistas, intelectuais e outros sujeitos autorizadas que propunham classificar o que era e o que não era nacional (KERBER, 2007). No caso brasileiro, a afirmação da imagem da baiana criada por Carmen como representação nacional gera a inclusão de determinadas identidades de caráter regional e étnico na nação.

Há ampla bibliografia acadêmica que aborda a ressignificação de símbolos populares como símbolos nacionais no Brasil dos anos 1920 e 1930. Tenho observado que essa genérica classificação “popular” abarca distintas identidades que, dependendo da relação estabelecida entre a representação e o contexto, relaciona-se ora a classe social, ora a etnia, ora a região.

Ao abordar a “historiografia” da música popular brasileira, mais especificamente as discussões sobre o samba como símbolo nacional, Napolitano e Wasserman (2000) analisam a participação de diversos sujeitos, vinculadas ou não à academia, que tiveram diversos tipos de autoridade para falar sobre o que é o samba e sobre sua relação com a identidade nacional. Adalberto Paranhos (1999) foca as definições construídas pelos próprios sambistas para classificar o que é brasileiro.

Três categorias muito distintas me parecem se confundir com a de “popular”: a regional, a de classe e a étnica. Em relação à primeira, já nos discursos de Mário de Andrade ou de Gilberto Freyre, o popular parece confundir-se com o regional. Como analisado por Wisnik, Mário de Andrade buscou o autenticamente popular e nacional no sertão, no interior, nesse espaço considerado livre das influências estrangeiras (que me parece muito parecido com a forma como os folcloristas europeus do século XIX buscaram o popular como autenticamente nacional). Na presente comunicação não terei tempo para abordar a historiografia que apontou o popular como de classe ou o popular como étnico, mas observo que essas três categorias muito distintas foram utilizadas para

definir o popular e, conseqüentemente, o nacional.

Voltando ao foco específico desta parte de minha pesquisa que pretendo apresentar, escolhi um grupo cujas representações não foram classificadas como nacionais nos anos 1930 para analisar a legitimidade e a circulação da classificação do samba como símbolo nacional, bem como de diversas representações apresentadas nas letras de sambas: os brasileiros descendentes de imigrantes. Mais especificamente, escolhi os descendentes de alemães observando que em comparação com outros descendentes de imigrantes, como os portugueses, houve um processo mais demarcado de exclusão das representações nacionais durante o primeiro governo Vargas.

Quando se trata das identidades dos descendentes de imigrantes e de sua relação com a identidade nacional (ou com os discursos vitoriosos sobre esta identidade), também, duas das categorias que mencionei apresentam-se como significativas: a étnica (tendo que não se tratava de uma identidade nacional mas uma construção, entre esse grupo, de uma referência de origem, de uma imaginação criada no Brasil sobre o que era ser descendente de alemães, italianos, poloneses, etc.) e a regional (que se apresenta principalmente em alguns casos em que houve uma definição de territórios geográficos dentro do Brasil como distintos etnicamente das classificações sobre missigenação brasileira vitoriosa. Entre o étnico e o regional que se constitui uma imaginação acerca da diferença nas duas regiões pesquisadas (vale do Sinos e do Taquari).

Uma identidade, se expressa, justamente, através de representações que definem a idéia e o sentimento de pertença a um grupo. Assim, ela é, ao mesmo tempo, sentimento e idéia, é sentida e pensada enquanto formulação de uma imagem de si mesmo, ou seja, como auto-representação.

Esta consciência de si através de representações impõe limites sobre os quais os indivíduos realizam suas práticas sociais. Estes limites se dão em torno das fronteiras entre um grupo e outro. Uma identidade se forma, assim, além da percepção das representações comuns, entre o grupo, através da percepção da diferença, em relação ao outro grupo, ou seja, em uma relação de alteridade. Tal qual a memória, as identidades também são construídas em âmbito individual e coletivo.

Nesse processo de definição, tanto a identidade quanto a alteridade são representadas através de uma série de símbolos que devem ser, obviamente, distintos para demarcar a diferença. Entre esses símbolos, freqüentemente apresentam-se os

sonoros e, mais especificamente, os musicais. Para além dos hinos, que são representações oficiais de identidades nacionais, estilos musicais frequentemente são tomados como representantes de identidades nacionais e de outros tipos de identidades, como as étnicas, as de classe, as religiosas, etc. Para além disso, poder-se-ia afirmar que, de modo geral, toda a produção musical dialoga, de alguma forma, com as identidades.

Ao analisar a construção de identidades, Chartier aponta para as perspectivas que a história cultural trouxe a esta questão. Distinguindo-se de duas visões – uma que as via como resultado de imposições de representações e resistências contra estas, outra que as via como exibição de uma unidade construída a partir de um grupo – o autor afirma que:

*“Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de sua identidade.”*  
(CHARTIER, 2002: 73)

Trato especificamente de identidade nacional e sua relação com outros tipos de identidade. A construção das identidades nacionais tem sido tema de grande interesse tanto na área da história cultural quanto na da história política. É possível estabelecer aproximações teóricas entre essas áreas tendo que a nação, como comunidade política, pode ser compreendida como construção imaginária. Nesse sentido, concordo com as considerações de Anderson, que define que a nação não existe em outra instância senão no imaginário de uma comunidade, ela é:

*[...] uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana. Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria dos seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão [...] é imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se as outras nações. Nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade. [...] É imaginada como*

*soberana, porque o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico divinamente instituído. [...] é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal. Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só se matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas (1989: 14-16).*

Esta comunidade imaginada se identifica a partir de uma série de símbolos. Segundo Thiesse (2001/2002: 8-9), existe uma “check list”, um código de símbolos internacionais que define o que todas as nações devem ter: uma história estabelecendo a continuidade da nação; uma série de heróis modelos dos valores nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares memoráveis e uma paisagem típica; uma mentalidade particular; identificações pitorescas – costumes, especialidades culinárias ou animal emblemático. Estes símbolos não são apenas uma superficial lista de adornos, mas são essenciais para a auto-representação das pessoas que se identificam com a nação.

No caso brasileiro, entre os símbolos mais importantes na construção da identidade nacional estão os musicais. Desde o século XIX há uma produção musical no Brasil que dialoga com a noção de nação. É contudo, no contexto do primeiro governo Vargas que coincidem a emergência e massificação da mídia sonora, especialmente do rádio, e uma atuação política específica na perspectiva da nacionalização da diversidade regional, elemento que teve seu momento mais explícito com a cerimônia da queima das bandeiras regionais em 1937. Nesse contexto, desponta o samba como estilo musical a circular na mídia sonora e a ser identificado com a nação brasileira. Para explicar esta emergência do samba, autores convergem e divergem em várias explicações. Renato Ortiz (2001), por exemplo, aponta para o fato da construção da identidade nacional brasileira neste período propor-se a incluir grupos anteriormente excluídos, como pobres, negros e mestiços e, neste sentido, a transformação do samba, símbolo que representava estes grupos, em representação nacional foi elemento fundamental neste processo. Hermano Vianna (1995), por outro lado, recorre a dois elementos fundamentais para explicar a escolha do samba como representação nacional: a circulação deste estilo musical entre diversos grupos sociais e etnias no Rio de Janeiro

dos anos 1920 e 1930 (ou seja, o samba que se tornou representação nacional não era mais negro mas já era miscigenado) e o desenvolvimento da indústria fonográfica e do rádio nesta cidade, que possibilitou a divulgação nacional deste estilo.

Há vários estudos sobre a questão da construção da identidade nacional brasileira em regiões de imigração alemã, entre os quais, destaco os de Giralda Seyferth (1994) e Artur Blasio Rambo (1994), Martin Dreher, entre outros, que constataam que, de forma predominante, os descendentes de imigrantes no começo do primeiro governo Vargas professavam-se como cidadãos brasileiros ao mesmo tempo que afirmavam uma origem étnica alemã. Os estudos de Lucio Kreutz apontam para a maioria dessa população falar língua alemã na década de 1930 e sobre a grande violência imposta para a fala da língua portuguesa.

Para analisarmos a circulação e repercussão que essas representações musicais tiveram em determinadas regiões do país, adotamos a história oral, na perspectiva de, através da memória de diversas pessoas que vivenciaram esse processo, podermos observar a forma como se estabeleceu essa relação entre as representações nacionais veiculadas na mídia e as identidades de espaços sociais distintos.

A análise da memória acerca da mídia sonora que apresentou representações da nação brasileira durante o primeiro governo Vargas nos coloca dentro da perspectiva dos estudos de recepção na perspectiva que Nilda Jacks a apresenta, ou seja, como não sendo um processo passivo. Em suas palavras:

*“O receptor deixa de ser visto como um consumidor passivo dos produtos culturais de massa e como alienado do processo de produção de sentidos, e passa a ser visto também como produtor deles. Obviamente esta produção não é simétrica, não chegando a ser uma co-produção, no sentido de compartilhar a concepção dos produtos de massa, pois a indústria cultural continua produzindo ‘para’ a massa [...] Mesmo assim, tem-se dois sujeitos, o emissor e o receptor, e nessa relação entre eles, que não é direta, aparece o papel das mediações. [...] Mediação pode ser entendida, portanto, como um conjunto de influências que estrutura, organiza e reorganiza a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade, as mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o ‘espaço’ que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção”*  
(JACKS, 1997: 9)

Especificamente, nessa pesquisa busco relatos de memórias ligados à mídia

sonora. A paisagem sonora do século XX caracteriza-se pela criação de mídias que registram o som e que podem trazer, à memória do presente, um registro passado. Esse fenômeno foi definido por Raymond Murray Schafer (SCHAFER APUD VALENTE, 2003, p. 32) como “esquizofonia” e se refere à possibilidade de dissociar o som de seu espaço-tempo de produção e reprodução acústica.

O surgimento da mídia sonora possibilitou uma outra forma de registro musical distinta da partitura constituída desde a Idade Média. A mídia sonora deu suporte material ao efêmero, permitindo com que a recriação musical realizada pelo intérprete também pudesse ser registrada. É no contexto de emergência da mídia sonora – a indústria fonográfica, o rádio e o cinema – que o intérpretes tornam-se ídolos de massas sendo, freqüentemente, mais importantes como mediadores nas construções de identidades do que os compositores das obras.

Parece que a mídia sonora pode ser usada como uma interessante referência utilizada na história oral para trazer a tona memórias. Nesse sentido, nas entrevistas que estão sendo realizadas em meu projeto, utilizo a mídia sonora apresentando gravações aos entrevistados. Inicialmente, pergunto se ele se lembra desta gravação. A seguir, pergunto “o que ele achava” dela, dando um certo espaço de liberdade para a fala, ao mesmo tempo que se possibilita, com isso, observar relações diversas entre a música e a experiência do entrevistado. Por fim, foca-se na questão que interessa a essa pesquisa, que é a relação entre o nacional e o regional.

Para escolha das músicas a serem executadas para os entrevistados utilizei, como critério, serem canções de sucesso no rádio durante o primeiro governo Vargas que apresentam representações da nação brasileira. Na medida em que, durante o Estado Novo, houve uma censura sobre a música popular executada no rádio, constituindo, inclusive, o chamado “samba exaltação”, estou procurando observar como foi a recepção desse tipo de canção nessa região de imigração alemã.

Obviamente que há uma limitação em termos de canções que podem ser tocadas para cada entrevistado, levando em consideração seu tempo disponível e paciência. Nesse sentido, escolhi 4 canções por considerá-las significativas para essa análise. Entre essas canções, obviamente não poderia faltar a canção que, conforme Jairo Severiano e Zuza Homem de Melo tornou-se paradigma do samba-exaltação: “Aquarela do Brasil”, de Ari Barroso, na gravação de Francisco Alves, em 1939. Também, foram escolhidas

mais duas canções consideradas referências de samba-exaltação: *Canta Brasil*, de Alcir Pires Vermelho e David Nasser, também na voz de Francisco Alves; e *Brasil Pandeiro*, de Assis Valente na voz dos Anjos do Inferno. Ainda, apesar de não ser um samba-exaltação, mas em função de ser uma canção importante na definição de representações nacionais e apresentar símbolos de um determinada região do Brasil, “O que é que a bahiana tem?” de Dorival Caymmi na voz de Carmen Miranda foi escolhida para apresentação.

Sobre a circulação e recepção da música popular no rádio, é possível concluir, primeiramente, que ocorreu em menor escala no Vale do Taquari do que no Vale do Sinos. A existência de um maior número de aparelhos de rádio nesta segunda região explica, em parte, essa diferença.

Não há fontes oficiais que identifiquem o número de aparelhos de rádio em cada região e, conseqüentemente, o que dispomos são as memórias registradas nos depoimentos. Foram realizadas 13 entrevistas com pessoas que moravam no Vale do Taquari durante o Estado Novo e 50 entrevistas com pessoas que moravam no Vale do Sinos na mesma época. O número de entrevista refere-se, por um lado, ao fato de haver, na época, maior população na segunda região do que na primeira e, por outro lado, à questão da disponibilidade de depoentes e de repetição de informações e versões entre os depoimentos.

É recorrente, entre os depoimentos tanto de moradores do Vale do Taquari, quanto do Sinos da época, a identificação de que somente as famílias de maior poder aquisitivo possuíam aparelho de rádio. Ao mesmo tempo, os entrevistados que se arriscam a identificar o número de aparelhos apresentam números bem maiores para o Vale do Sinos do que para o Taquari. Conforme Antônio Vitor Bohn, habitante de Estrela, por exemplo, o rádio “era coisa de luxo”.

É recorrente a menção, nas duas regiões, ao medo de ouvir rádio. Esse medo era oriundo da perseguição estabelecida contra os que ouviam a rádio alemã durante a Segunda Guerra. Gerta Müller, por exemplo, afirma que o Estado proibia os alemães de escutarem rádio: “eles não deixavam... quem tinha rádio eles tiravam s rádios dos alemães. Tiravam das casas”. “Eram pouquíssimos que tinham aqui rádio”.

Gerta conta que a família ficava com a casa toda fechada para ouvir rádio. Seu irmão, inclusive, ficava de “toçaia” do lado de fora da casa para avisar a família se algum policial apareceria.

Herta Birck fala que um membro da família ficava numa espécie de “casinha atrás da casa” ouvindo as notícias, e depois compartilhava as informações com o grupo reunido na sala: “se escondiam para ouvir rádio, o que acontecia na II Guerra Mundial com seus parentes [...] Ninguém podia desconfiar que tinham rádio”.

Werner Schinke, que morava na época estudada em Novo Hamburgo, afirma que seu pai tinha porque era médico: “Quando o Brasil entrou na guerra, recolheram os rádios dos alemães... era proibido escutar a Alemanha... se pegasse algum escutando rádio da Alemanha ia preso... rádio era a primeira coisa a ser tirada das casas pela polícia”.

Poucos entrevistados disseram ouvir alguma emissora de rádio brasileira. Isso ocorria, certamente, em função da maior frequência da fala em língua alemã do que em língua portuguesa nessas regiões. Contudo, ao serem executadas as canções mencionadas, a maior parte dos entrevistados disseram que ouviram essas músicas na época e que gostavam. Esse paradoxo nos faz pensar sobre se efetivamente essas pessoas ouviram essas músicas na época ou se construíram a lembrança de que ouviram a partir de audições posteriores. Esse, obviamente, é um problema de qualquer pesquisa que se utiliza da história oral e deverá ser levado em conta no decorrer das análises dos depoimentos.

Com a pesquisa em andamento, não temos muitos elementos conclusivos. Contudo, é perceptível, além da limitada circulação do samba nas regiões de imigração alemã, distintas formas de recepção do mesmo, o que, além de nos propor questionamentos acerca da eficácia de determinadas versões sobre a nação brasileira, nos apresenta a problemática da complexa relação entre o nacional, o regional e o étnico. Por exemplo, uma distinção recorrente entre os depoimentos que se referiam à “Aquarela do Brasil” e os que se referiam a “O que é que a bahiana tem?”. Quase todos os entrevistados que falaram acerca da primeira canção disseram que “representava bem o Brasil”, que “o Brasil era mesmo assim lindo”. Opostamente, todos os que falaram sobre “O que é que a bahiana tem?” disseram que “não representava o Brasil”.

## Bibliografia:

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, p. 145-152, 1995.
- BACKZO, B. A imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. v. 5, p. 296-331.
- BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Cap. 3: História como memória social. [p. 67-89]
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- CAPELATO, Maria Helena. Fascismo: uma idéia que circulou pela América Latina. In: HISTÓRIA EM DEBATE. Rio de Janeiro: ANPUH, 1991. p. 51-63.
- \_\_\_\_\_. Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Contexto/ANPUH, v. 16, n. 31-32, p. 328-352, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CONTIER, Arnaldo. *Brasil novo – música, nação e modernidade: os anos 20 e 30*. São Paulo: USP, 1988. Tese (Livre Docência em História), Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Memória, história e poder: a sacralização do nacional e do popular na música (1920-50). *Revista Música*, São Paulo: USP, v. 2, n. 1, 1991.
- GARCIA, Tânia Costa. *O “it verde e amarelo” de Carmen Miranda (1930-1946)*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990 [†1945, póst.]. (Cap. II, “Memória coletiva e memória histórica”, p. 53-89.)
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- KERBER, Alessander. *Wilhelm Pommer: memória e trajetória de um pastor imigrante no Sul do Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Representações das identidades nacionais argentina e brasileira nas canções interpretadas por Carlos Gardel e Carmen Miranda (1917-1940)*. Porto Alegre: UFRGS, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- \_\_\_\_\_; PRODANOV, Cleber; SCHEMES, Claudia. O patrimônio material a e construção da

identidade em Novo Hamburgo (RS): a fotografia e a cidade. *História Revista*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Volume 2. 12/2. Goiânia: UFG, 2007.

\_\_\_\_; SCHEMES, Cláudia; PUHL, Paula. Datas comemorativas e construção de identidades através da imprensa: lutas de representações entre a identidade nacional brasileira e a da cidade de Novo Hamburgo/RS. *Projeto História*. Vol. 36. São Paulo: PUCSP, 2008.

\_\_\_\_; PRODANOV, Cleber; PUHL, Paula. Representações étnicas no folhetim Maria Bugra: episódio dos princípios da colonização alemã e a construção da identidade da cidade de Novo Hamburgo. *Anos 90*. Vol. 14. Porto Alegre: UFRGS: 2007.

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. IN: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi* (dir. Ruggiero Romano). Vol. 1, Memória-História. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. p. 423-483.

LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio: a trajetória de Nora Rey e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria Clara. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Vol. 20. n. 39, 2000, p. 167-189.

NAVES, Santuza Cambraia. *O violão azul*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: *Projeto História*. São Paulo: Ed. PUC-SP, 1993. [7-28]

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; CASTRO GOMES, Ângela M. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1989.

OLIVEN, Ruben George. Mitologias da nação. In: FÉLIX, Loiva O.; ELMIR, Cláudio P. (Orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988. p. 23-39.

- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PARANHOS, Adalberto. Vozes dissonantes sob um regime de ordem-unida (música e trabalho no “Estado Novo”). *ArtCultura*, Uberlândia: UFU, v. 4, n. 4, jun. 2002.
- PARANHOS, Adalberto. O Brasil dá samba? (Os sambistas e a invenção do samba como “coisa nossa”). *Música popular em América Latina*. Santiago de Chile: Fondart, 1999. (disponível em: [http://www.samba-choro.com.br/print/debates/1055709497/index\\_html](http://www.samba-choro.com.br/print/debates/1055709497/index_html))
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, história e cidade? Lugares no tempo, momentos no espaço. *ArtCultura*, Uberlândia: UFU, v. 4, n. 4, p. 23-35, jun. 2002.
- PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo – Monografia*. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. IN: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- SELBACH, Jeferson. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. (dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Porto Alegre: UFRGS, 1999
- SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória. IN: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.) *Região e nação na América Latina*. Brasília: UNB, 2000.
- SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. IN: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 1999
- THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*, Porto Alegre: UFRGS, n. 15, 2001/2002.
- THOMPSON, Paul. *The voice of the past*. Oral History. Oxford University Press, 1978.
- VALENTE, Heloísa de Araújo D. *As vozes da canção na mídia*. São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2003.
- VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./Ed. UFRJ, 1995.
- WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul – O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2004.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. [primeira edição: 1994]